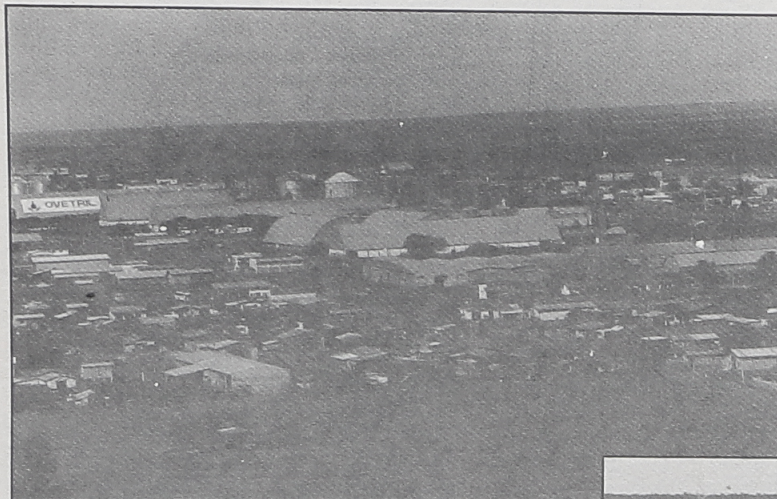


A soja chega

Agricultores vencem desafios e fazem de



Sorriso fica no "Cerrado grosso" e cresce no ritmo da produção agrícola.

* Humberto Mieli
Sorriso (MT) - especial
para o Multirural

Quando Alberto Capellari deixou Renascença, no sudoeste do Paraná, para tentar a vida no Mato Grosso, a agricultura no estado

PROGRAMA ESTADUAL DE SANEAMENTO RURAL



A Sanepar
leva saúde
ao homem
do campo.



praticamente não existia. Em 1976 o cerrado ainda tomava conta da região de Sorriso (a 450 Km ao norte de Cuiabá), e a única maneira de se chegar até lá era pela BR 163 - Rodovia Cuiabá-Santarém, uma das muitas abertas na época do milagre econômico que levavam o nada a lugar nenhum.

Com 2800 ha de terra, dos quais 750 ha de soja, Capellari relembra quando chegou com 18 anos na região. "Fui obrigado a abrir uma clareira no meio do mato para construir minha casa, na entrada da cidade." Localizada a aproximadamente 100 Km ao sul do Paralelo 13, uma linha fictícia que marca o começo da Floresta Amazônica, Sorriso é dominada pelo "cerrado grosso" - árvores robustas, mais difíceis de serem derrubadas, mas que não podem ser aproveitadas como madeira. O solo da região, por isso, sofre adubação pesada. A raiz da soja não é profunda e em 2 ou 3 anos ele perde a fertilidade", afirma Washington Queiroz, presidente da Coasol-Cooperativa Agrícola Mista Sorriso Ltda. Mesmo assim, os 2 mil e 800 produtores da cidade deverão colher 9,6 milhões de sacas de soja,

movimentando cerca de 100 milhões de dólares.

"So rizo"

Formada por gaúchos, catarinenses e paranaenses, que representam 80% da população local, Sorriso é resultado do trabalho desses pioneiros que chegaram na

dólares por saca, a soja tomou-se a moeda da região. "Não faço cálculos em dólar, só em soja", diz Bedin, que recentemente comprou um terreno na cidade por 1500 sacas do produto. Comprar terras também exige um bom dinheiro. Um hectare de área pronta para o plantio não é vendida por menos de 120 sacas, e mesmo assim pode variar de 30 a 60 sacas por hectare, dependendo principalmente do tipo de cerrado que terá que ser derrubado. Calcula-se que

tem o mesmo preço da saca de soja. O resultado, no entanto, é compensador. "Com a correção correta do solo, podemos colher até 60 sacas de soja por hectare", calcula Alberto Capellari.

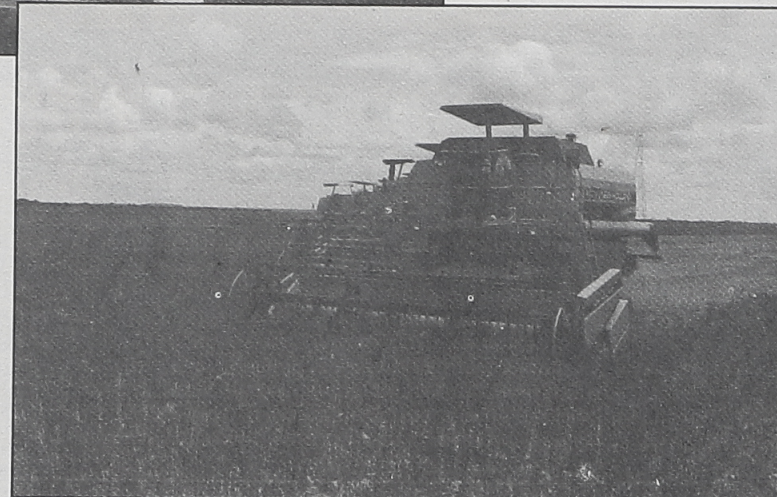
Outro fator determinante da alta produtividade da soja é o elevado grau de mecanização da agricultura na região. Segundo José Valdemar Kluge, proprietário da Amazônia Máquinas Agrícolas, uma revenda de máquinas New Holland, nos últimos 4 meses sua empresa comercializou 140 tratores e 70 colheitadeiras na região. "Somente em Sorriso devem existir 350 colheitadeiras trabalhando nesta safra", calcula, ele que há 8 anos trocou Cascavel, no oeste do Paraná, pelo Mato Grosso.

Infra-estrutura

Se a produtividade da soja é alta, o transporte é precário. A necessidade de levar o produto de caminhão por mais de 2 mil Km até o



Colheita da soja: A mecanização garante bons resultados.



Produtores querem industrializar a soja na região.

70% dos 1 milhão de hectares da região ainda estão explorados pela agricultura.

Além dos custos de limpeza do terreno - derrubar um hectare de cerrado custa cerca de 3 sacas de soja -, o agricultor que se aventura pela região precisará colocar de 3 a 4 toneladas de calcário por hectare para corrigir o solo, e aproximadamente 400 Kg de adubo, que na região

Porto de Paranaguá, o alto custo decorrente desse meio de transporte e as más condições de conservação da BR 163 - única via de saída do produto -, são responsáveis, hoje, por cerca de 20% do custo final da soja.

Por isso, os produtores da região estão tentando viabilizar a construção da Ferrovia do Ouro em Grão, que ligaria por mais de mil

Tem boi na vizinhança

Artista plástica vive clima de fazenda num bairro nobre de Curitiba

Todos os dias, Aludir Dias da Silva segue a rotina de levar o gado até o pasto, ordenhar as vacas e retirar os ovos do galinheiro. Cenas comuns em qualquer propriedade rural. Aludir, no entanto, não é peão

lago e o resto do local, com exceção da casa e dos belos jardins, transformou-se numa mini-fazenda.

Existem mini-bois, mini-vacas, árvores frutíferas, galinhas, horta e até uma composteira para fabricar adubo orgânico. Além disso, há ainda alguns animais exóticos que

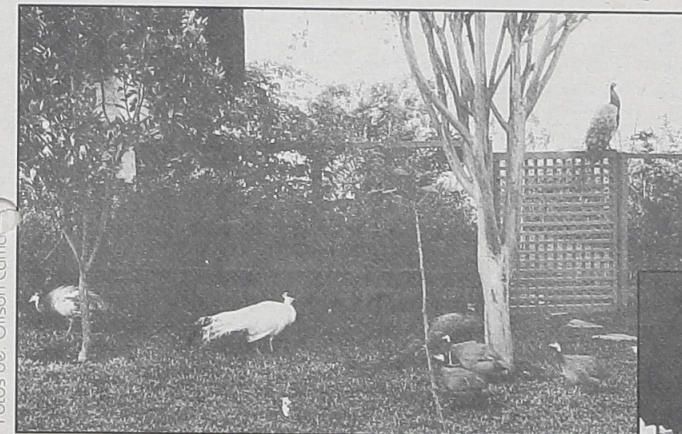
de semana inteiros trabalhando nos jardins e na mini-fazenda. Mas ela não fez curso algum para aprender a cuidar das plantas ou da bicharada. Todo o conhecimento sobre o assunto foi adquirido pela prática e através da leitura de livros especializados. Tendo plantado mais de 500 árvores nas proximidades de sua casa, Elisabete se considera uma ecologista que age espontaneamente "sem teorizar muito". As hortas não têm agrotóxicos e o solo é adubado somente com adubo orgânico, produzido na própria composteira.

A estufa onde estão as hortaliças mede cerca de cem

também mais de duas dezenas de espécies de frutas.

Mas o que dá realmente a sensação de se estar numa fazenda são as mangueiras em

moradores das proximidades não sente problema algum, e às vezes até requisita as vaquinhas. É que a manada precisa pastar e o prato principal está nos ter-



Aves ornamentais, um hobby cultivado pela artista.

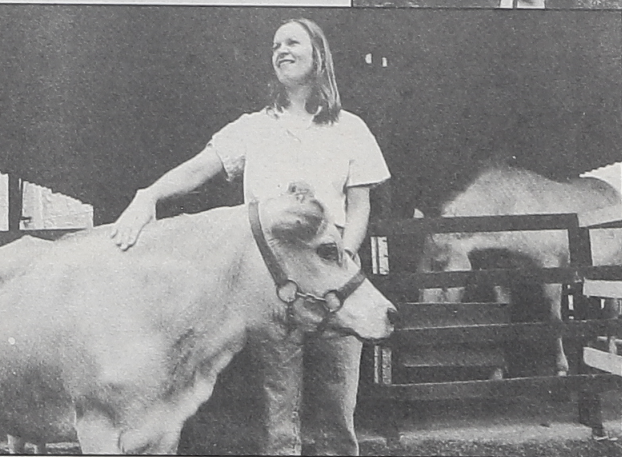
de boiadeiro, nem mora em zona rural e sequer trabalha numa fazenda. Isso tudo acontece no Jardim Social, um bairro mais do que nobre em Curitiba. E Aludir, na verdade, é o braço direito, e único ajudante, da artista plástica Elisabete Von Der Osten Pisani, a dona da casa. Ela possui uma espécie de fazenda no quintal. A artista plástica, por sua vez, jura que é curitibana e diz jamais ter morado no campo. Mas não é o que parece, a julgar pela habilidade com que cuida da horta e dos animais.

Há cerca de quatro anos e meio, ela resolveu construir sua casa num terreno baldio, de sete mil metros quadrados, que era antes uma espécie de lixão da vizinhança. Parte do terreno parecia um banhado, irrigado por uma pequena vertente. Da aguaceira ela fez um pequeno

desfilam calmamente pelo local e às vezes até escapam para junto da piscina ou da casa.

O assustado casal de faisões, ao perceber a presença de estranhos, esconde-se às pressas atrás dos arbustos. Majestosos, os cinco pavões exibem com elegância suas plumagens. Mas as formosas caldas, semelhantes a enormes leques multicolores, só deverão descortinar novamente depois do inverno. Pouco menos fidalgas que os outros dois, as ágeis galinhas de angola andam céleres pelo gramado, lembrando a alegria da antiga África.

Elisabete, que é casada e tem três filhos, passa os finais



Elisabete com uma das sete mini-vacas da fazenda.

metros quadrados. No local cultiva-se inclusive algumas espécies de flores, o que dá um toque feminino ao lugar. As verduras são na grande maioria folhosas, como a alface, por exemplo. Segundo Elisabete, essas plantas são menos atacadas por pragas, dispensando o uso de defensivos agrícolas. A "fazendeira" disse que raramente compra hortifrutigranjeiros, já que plantou

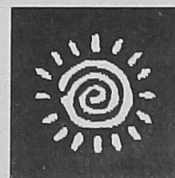
miniatura, com cocho e tudo mais, para abrigar a "manada" de gado nanico e uma égua crioula, já adulta. São sete mini-bovinos, de até um metro de altura, que vieram de Minas Gerais e dão muito o que falar na vizinhança.

O vizinho da casa ao lado ameaçou até processar Elisabete porque, segundo ele, os animais causam "um mau cheiro profundo". Mas a maioria dos

Nos fundos da casa, o pequeno curral. Briga com vizinho.

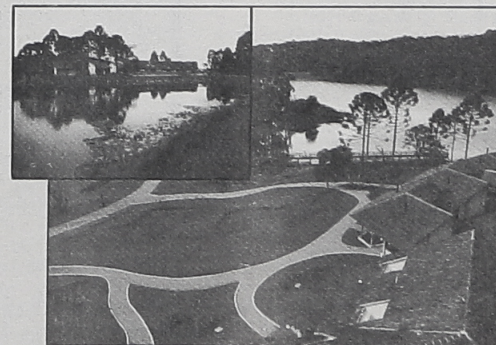
renos baldios da região, que agora permanecem sempre limpos por conta da fome da boiada. A artista plástica deixou também de comprar ovos e leite, o que sobra inclusive para distribuir aos amigos. A mocha julieta dá até oito litros de leite por dia. No galinheiro, a poucos metros da mangueira, estão instaladas seis galinhas que botam quarenta e dois ovos semanalmente.

Pra cá da cerca, onde a bicharada está proibida de passear, ficam a casa, a piscina e um agradávelíssimo jardim. As árvores ornamentais são abundantes sobre o tapete de grama japonesa. Ao lado do "caminho da roça", há também um tanque-aquário com carpas coloridas. Além disso, Elisabete está construindo uma pequena cachoeira artificial, mas faz questão de frisar que não tem nada a ver com a Casa da Dinda. Segundo a proprietária, a fazendinha nos fundos da casa dá um pouco de trabalho mas é um ótimo "hobby". ■



La Dolce Vita
HOTEL DE LAZER

Inauguração dias 20,21 e 22 de maio/94
Rio Una - Tijucas do Sul/Pr



RESERVAS: (041)234-0601

- Restaurante Internacional (Chef Emanuel, ex-Boulevard, ex-Bourbon);
- Bar e Sala de Estar com lareira;
- 10 apartamentos standard;
- 10 apartamentos luxo;
- 06 suites, com lareira e hidromassagem;
- Salão de Jogos e Convenções;
- Sauna e Piscina;
- Lago para pesca - 8 alqueires.

Você merece
La Dolce Vita

